



Relatório de inspeção elaborado pelas pesquisadoras Camila Prates¹ e Juliane Verissimo², colaboradoras da Comissão de Defesa de Direitos Humanos da OAB e por Danielly Inês³, representante desta comissão.

1- Apresentação da inspeção

A Inspeção foi realizada no dia 25/07/2023, iniciada às 10:00h e concluída por volta das 13:00h, na região do Flexal de cima e Flexal de baixo, localizados no bairro do Bebedouro, Maceió/AL, (representadas na figura 1), por um grupo de oito pessoas, entre elas, seis integrantes da Ordem dos Advogados do Brasil (quatro membros da Comissão de Direitos Humanos e dois fotógrafos da assessoria de imprensa da OAB) e pelas pesquisadoras Camila Prates e Juliane Verissimo. A comitiva contou também com o auxílio de três representantes do bairro, Antônio Domingos dos Santos, Maurício Sarmiento da Silva e o senhor Romualdo.

Após 10 meses da última inspeção realizada em setembro de 2022, a CDDH retorna ao bairro do Bebedouro, na comunidade dos Flexais para realizar uma nova inspeção e também promover um diagnóstico comparativo. O objetivo deste relatório é, então, observar o que mudou no período de 10 meses fazendo uma comparação das condições de moradia e de serviços básicos, como à saúde, transporte, comércio, segurança pública, educação, e outros direitos fundamentais previstos na Constituição Federal.

Figura 1: área visitada na região do Flexal de cima e Flexal de baixo (marcada em amarelo)

¹ Doutora em Sociologia pela UFRGS. Professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, vinculadas ao Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade Federal de Alagoas - UFAL.

² Mestranda no Programa de Pós- Graduação em Sociologia, vinculadas ao Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade Federal de Alagoas - UFAL.

³ Advogada e membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB.



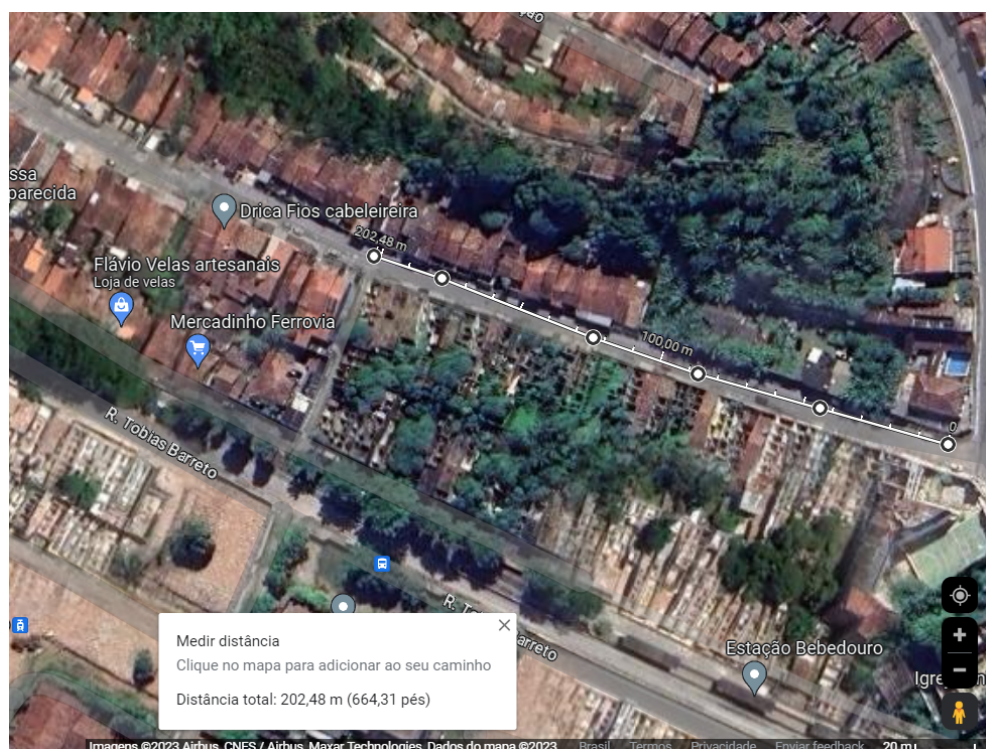
Fonte: Google maps (julho/2023)

Acessamos a região do Flexal pela rua Faustino Silveira, que é asfaltada, ela e a Rua Tobias Barreto são as únicas vias de acesso ao bairro. Percebe-se logo na entrada da rua um trecho com imóveis desocupados e tamponados com estrutura metálica (esta condição indica que fazem parte do Programa de Compensação Financeira - PCF), são mais ou menos 200 metros neste cenário até chegarmos à área ainda habitada (figura 2). A situação da demolição de parte dos Flexais gera ainda: *i) insegurança e aumento da violência na comunidade, em especial a violência de gênero; ii) amplia os impactos ambientais; iii) aprofunda os efeitos relativos ao ilhamento social*, gerando a condição dos moradores de estarem em uma condição de **deslocamento in situ**⁴ (Feldman et.al, 2003), como será visto neste relatório.

Importante apontar que há duas ruas ativas na área a ser demolida no Flexal de baixo (Rua Vereador Jorge Omena e Travessa Oséias Costa), pois algumas famílias ainda estão em processo de negociação no PCF. Nesta mesma localidade outras ruas já não existem mais, são elas: Primeira Travessa Tobias Barreto, Rua Joaquim Ferreira de Barros, Rua Brasília, Rua Agemiro de Moraes, Tv. Oséias Costa I, Tv. Oséias Costa II e Tv. Augusto Barreto. (figura 3).

⁴ Deslocamento in situ (Feldman et.al, 2003) é um conceito utilizado pela sociologia para explicar a condição das pessoas que moram em áreas afetadas por desastres ambientais, ou projetos econômicos geradores de impactos como descolamento compulsório, mas que não foram considerados atingidas. Nessa conjuntura, mesmo que não se considere o território apto a ser deslocado, as pessoas que lá residem ficam privadas das possibilidades de reprodução social naquele ambiente. Como efeito, as pessoas são forçadas e se deslocam por seus próprios meios, aprofundando ainda mais os efeitos negativos do desastre. Essa situação já está sendo evidenciada nos Flexais e na Marquês de Abrantes, por esta comissão e também por estudos acadêmicos (Ardohain, 2022).

Figura 2: Distância percorrida até encontrar casas com moradores



Fonte: Google Maps (julho/2023)

Figura 3: Comparação da área demolida



Fonte: Google Earth e Maps respectivamente (Julho/2023)

Acessar a comunidade do Flexal, tanto pela Tobias Barreto como pela Faustino Silveira causa certo desconforto e temor de assaltos. A qualquer hora do dia, pela distância até encontrar casas habitadas, a sensação de insegurança é relatada pelos moradores em todas

as abordagens feitas. A primeira senhora com quem falamos, **Jucidalva Pinheiro Gama**, moradora da casa 237, Flexal de Cima, informa que nos últimos 10 meses nada mudou, relata inclusive uma piora na prestação de serviços locais, a existência de mosquitos por exemplo é maior, o fumacê se restringe aos imóveis desocupados e sobre o transporte local, somente uma linha de ônibus passa na região.

A segurança está precária, sua filha foi assaltada no começo da rua, relatou ainda que sua neta, que estuda no Colégio Tiradentes, no bairro do Trapiche, depende de um transporte particular para chegar à escola. Essa foi a saída encontrada para a menina de 15 anos não correr tanto perigo caminhando os 200 metros até a rua principal para pegar o ônibus no horário da manhã, por ser muito cedo e o início da rua não ter mais moradores, ela conta ainda que na volta a menina utiliza o ônibus de linha.

Quando perguntada se aceitou a proposta dos 25 mil de indenização, ela disse que aceitou e que com o dinheiro “ajeitou” uma das paredes da casa. Perguntamos então se ela concorda com a revitalização, ela disse que não, que mantém a posição de antes, e deseja ser realocada, pois não se sente segura, o bairro não é mais o mesmo. Reforça que não acredita na promessa de revitalização, pois já vem sofrendo há algum tempo com todas as mudanças da região, impostas pelo ilhamento socioeconômico.



Senhora Jucidalva mostra os reparos feitos com a indenização paga pela Braskem, pelo Ilhamento socioeconômico, na Rua Faustino Silveira.



Situação semelhante é encontrada no relato da senhora **Maria José Pereira**, moradora do Flexal de Cima, que também afirma ter aceitado a proposta de 25 mil reais dada pela Braskem, e que usou o dinheiro para uma pequena reforma na sua residência, como fechar as rachaduras nas paredes. Ela também deseja a realocação com indenização justa. Informa-nos que a derrubada das casas desocupadas na região está gerando o aparecimento de ratos e

muito mosquito. A única linha de ônibus disponível no bairro, não atende todas as necessidades dos moradores.

Mais a frente, do outro lado da rua, fomos apresentadas a outra senhora, Dona **Dilma Ferreira da Silva** de 79 anos, aposentada e moradora da casa 282, trabalhou durante muitos anos como serviços gerais no Rio de Janeiro. Mora com seu filho adotivo, que é chapeiro e tem 25 anos, na casa deixada pelo pai, sua filha é quem leva as medicações necessárias à manutenção de sua saúde, diz ter ótimos vizinhos e que tem bom relacionamento com eles,. Relatou que um amigo de seu filho foi assaltado na região e perguntada se frequenta alguma igreja, nos disse que a pastora vem buscá-la. Afirma que tudo acabou no bairro. Disse ainda que para sair de casa, necessita da ajuda da sua filha que mora em outro bairro, quando precisa de assistência, vem buscá-la utilizando carro de aplicativo. Ela não consegue sair mais de sua residência para ir ao mercado, farmácia pois tudo é distante, os passeios pela região não acontecem mais, pela insegurança instalada. Sua casa não possui rachaduras, e não aceitou nenhum acordo vindo da Braskem.



Dona Dilma, residente na rua Faustino Silveira

Enquanto fazíamos as entrevistas fomos percebendo alguns moradores saindo e buscando entender do que se tratava a nossa presença, todos eles cumprimentavam os representantes dos bairros e logo depois chegavam para pedir que fizéssemos alguma coisa pra tirar eles dali. O sentimento geral do bairro segue o mesmo, eles buscam a realocação coletiva do bairro. Os pedidos aconteceram do início ao fim da inspeção.

O primeiro deles foi do senhor Abdiel, perguntado sobre adoecimento ele disse que lá estão pior do que doentes, e pediu a Roberto: “tira a gente daqui, quem manda é ela, aqui não tem justiça não... tudo piorou, trabalho, saúde...”.



Morador veio até a equipe e fez seus pedidos por ajuda



Placa sinalizadora do ponto de ônibus, na rua Faustino Silveira

Visitamos a casa de **Marisa Pereira De Oliveira**, moradora da casa 385, no Flexal de Cima, ela reside com 5 pessoas, uma delas é sua mãe de 94 anos, acamada, que não fala e não anda. Marisa relata que sua mãe tinha assistência de saúde em casa disponibilizada pela prefeitura, com uma equipe de 3 a 4 pessoas, mas tal assistência foi cortada, devido à região ser considerada de risco. As prestações de serviços básicos como transporte público é caótica,

não dá para depender apenas dele devido a demora. Tudo acaba ficando mais distante para realizar uma feira, por exemplo, é necessário se deslocar cerca de 5 km de sua residência.

A casa visitada na sequência é a 801, está localizada no Flexal de Baixo, numa pequena vila de cinco casas, é alugada e quem nos recebe é **Midian Dos Santos Oliveira**, ela conta que todas as casas estão rachadas, e que há um grande problema no solo da vila, pois a água brota do piso, mas não sabe dizer as causas do problema.



Vila onde se localiza a casa de 801, no Flexal de baixo

Em seguida tivemos contato com o senhor **José Ilton**, da casa 744, na Tobias Barreto, mora lá desde 1963, foi dele a ideia de colocar uma placa de vende-se na fachada de sua casa, pedindo para tratar com os órgãos de justiça e com a Braskem, em tom de ironia e como forma de protesto. Disse que decidiu colocar a faixa: “depois que os procuradores decidiram deixar a gente sem assistência.”, em um dado momento da conversa ele pede os “Direitos humanos vejam o direito de quem realmente precisa”, disse ainda: “pra mim a Assistência Social vai fazer o lado de quem precisa, mas aqui não, foi pra fazer o lado da empresa.”. Ele relata ainda que ao lado da sua residência foi montado um ponto de apoio da prefeitura, que nunca utilizou de tais serviços. Nesse ponto de apoio da prefeitura, existe a prestação de serviços básicos, como a inscrição do CAD ÚNICO feita pelo o CRAS, a Defesa civil, Secretaria do trabalho, Secretaria do meio ambiente, Psicólogo, Assistente social, uma sala para a OAB prestar serviços jurídicos, etc.



Casa do senhor José Ilton, nº 744 , localizada na rua Tobias Barreto



Casa do senhor José Ilton, nº 744 , localizada na rua Tobias Barreto

Ao sair da casa de seu José Ilton, seguimos caminhando pelas ruas do bairro, é possível ver alguns buracos no asfalto quase no meio da rua, Sassá, liderança comunitária dos Flexais, nos leva a uma escadaria e mostra um buraco que se conecta com outros dois na mesma direção da escada, numa pequena travessa. Mostra também uma casa com o muro inclinado para o lado da rua, como se estivesse caindo



Buracos na rua Tobias Barreto



Buraco na escadaria que liga o Flexal de cima ao Flexal de baixo



Muro de casa com inclinação para o lado da rua - Flexal de cima



Outra entrevistada, foi a Dona **Maria do Carmo**, da casa 898. Disse que não pegou os 25 mil, “vou fazer o que com 25? As moças da roupa azul já vieram várias vezes e a própria Braskem”. Relatou que nasceu na casa onde mora há 61 anos nos flexais e ressaltou que a Braskem destruiu a saúde de todos. Ela conversava conosco enquanto mostrava as rachaduras na área da frente de casa, onde geralmente estende roupa. Falou sobre a insegurança que vive, lembrando que o movimento de motos na parte da noite é muito grande, e que fica de olho, já que sua casa está na parte alta. Perguntada sobre a ação da Holanda, ela disse que não colocou a ação lá, e que ia ter uma nova conversa com seu advogado na tarde naquele mesmo dia.



Fonte: fotos das relatoras. Casa de Dona Maria do Carmo, casa 898, no final da Tobias Barreto acima da linha do trem, na região onde os carros não conseguem acessar.

Maria José da Silva, vizinha de Maria do Carmo também falou conosco, lembra que viu muita gente nascer no bairro, e que antes as ruas eram de barro. E que apesar disso era mais seguro. Ressaltou que a empresa Diagonal faz reuniões às escondidas, e que as pessoas que ela conhece querem sair, assim como outros moradores antigos da localidade. Ela sugeriu que fosse feita uma estatística de quem quer ficar e quem não quer, para assim a decisão ser justa. Relatou um problema constante nos flexais após a proposta de 25 mil reais da Braskem referente aos moradores que possuem casas de aluguel: “os inquilinos receberam os 25 mil mas não quitaram os 40 mil de dívida com a companhia energética”. Disse que se saísse iria morar em Marechal. Relatou problemas de saúde mental em seu filho, que sofre de depressão, largou o emprego de guarda noturno no bairro e que foi embora. Acha que as pessoas entraram em depressão por conta da convivência quebrada, já que “mudou tudo”. Perguntada sobre o que acha da Braskem, ela disse que “é péssima, igual ao prefeito”, e perguntada sobre o que sabia sobre a Braskem antes de tudo isso, ela informou que não sabia nada de mais, e que ela só se fez vista no bairro depois de 2019.

Na sequência, a equipe decidiu visitar o “espaço Flexais”, um equipamento público para atender algumas necessidades daquela comunidade, mas que durante todo o momento de nossa presença, contava apenas com os funcionários. A representante da Defesa Civil falou conosco e demonstrou incômodo com a nossa presença, o clima de tensão entre ela e os representantes dos bairros que nos acompanhavam foi grande, ela reclamava que era gravada sem autorização, e pediu para anotar o contato do Presidente da Comissão. Ao entrarmos na sala do Cad único, ela tirou uma foto do grupo, também sem permissão. Segundo a moça da recepção, o espaço recebe poucas pessoas, conta que as “meninas do flexal”, “meninas do colete azul”, passam informando sobre os serviços, para sensibilizar a população sobre os direitos a serem utilizados. Às sextas o espaço fica mais movimentado, pois é dia em que o pessoal do cadastro de currículo, o cadúnico e o conselho tutelar estão ativos.



Fonte: Foto das relatoras. Espaço Flexal

Sáímos de lá e descemos para a casa apontada por dona Maria do Carmo, segundo ela deveríamos registrar o aparecimento de um minadouro no corredor da casa da moradora Jirlei. Na ocasião seu filho nos recebeu e mostrou o buraco no chão formado pelo aparecimento de um minadouro recente. Em três dias apareceu o buraco no chão no corredor da casa.:





Fonte: fotos das relatoras. Morador com minadouro dentro da casa.

Outra parte da equipe entrevistou o senhor **Vicente Oliveira Da Silva**, que vive com a mãe acamada e a esposa que faz tratamento contra um câncer. Ele pede para entrarmos, mas antes se refere ao Espaço Flexais, como “*um circo*”, sua casa fica em frente ao local, diz que “*os palhaços do “circo são os moradores*”, nos oferece água e logo mostra a situação em que sua mãe, de 91 anos, se encontra acamada e por várias vezes ao longo do dia se engasga com a própria saliva, por isso não pode ficar sozinha, (evitamos fazer fotos, em respeito a toda situação). Ele conta da dificuldade em chamar um socorro caso precise, lembrou também que *assim que a movimentação pela revitalização do bairro começou, recebeu a visita dos técnicos da Diagonal e da própria Braskem há dois anos*, foi prometido inclusive que seria mandada uma equipe médica para dar assistência à sua mãe, mas esse apoio nunca foi efetivado.

O morador relata ainda que sua casa apesar de ser nova e bem conservada, sofre com rachaduras, já realizou várias reformas por causa delas, mostra então as janelas basculantes com trincas e nos leva para a parte de trás da casa, apontando algumas rachaduras. O morador afirma que, o que existe é uma falsa segurança na região, disse ainda que a GPS (empresa de segurança contratada pela Braskem, trabalha fiscalizando os moradores, garantindo a segurança das áreas ocupadas pela Braskem e Diagonal. Relata uma vida difícil na região, o acesso ao transporte público é difícil, só existe uma linha de ônibus que ninguém usa, devido a demora, prefere utilizar o transporte por aplicativo. Entretanto, mesmo essa opção possui dificuldades de acesso, visto que, já aconteceu de motoristas negarem mais de sete vezes para poder aceitar sua solicitação. Caso algum morador necessite do serviço do SAMU é pior, a

ambulância não entra na região sem estar acompanhada de uma viatura da polícia militar. Por este motivo, afirma que teve vizinho que faleceu por negligência da ambulância do SAMU.

Sua maior ênfase é a de que sempre aparecem muitas pessoas para “investigar” o caso, mas que o retorno nunca é positivo, além disso, relata que as visitas das Assistentes sociais só se dão no caso dos moradores que tem dúvidas ou já estão muito tentados a aceitar o acordo dos 25 mil pelo ilhamento socioeconômico: “ A Diagonal só visita a casa de quem quer ficar”, “Eu acho que a Braskem quer ganhar tempo”. Ele disse que aceitou o valor, mas não abre mão do direito de pedir a realocação, pois considera que a vida no bairro tem ficado cada vez mais difícil. Em vários momentos é possível perceber sua voz embargada e seus olhos marejados, a fala é de cansaço com todo o desgaste vivido. Vicente afirma que a Diagonal, empresa contratada pela Braskem, vista as casas na região, Contudo, tal visita é somente para os moradores que querem ficar no bairro, ou seja, quem não quer, a Diagonal não presta nenhum tipo de apoio assistencial.

Rachaduras na casa de Seu Vicente, casa 741 na rua Tobias Barreto



Rachaduras na casa de Seu Vicente, casa 741 na rua Tobias Barreto



2- Constatações socioeconômicas

A partir da inspeção realizada foi possível constatar que existe o aprofundamento da situação de “lhamento Socioeconômico”, já evidenciado no primeiro relatório “Retatório de inspeção realizado nos dias 15 E 16 de setembro de 2022 na comunidade dos Flexais e Adjacências”, construído pela Comissão de Defesa de Direitos Humanos da OAB.

Sobre os efeitos negativos do ilhamento social, gerando a condição dos moradores de estarem em uma condição de deslocamento in situ (Feldman et.al, 2003):

A Situação de ilhamento socioeconômico antes evidenciada, devido à “falta de serviços públicos, já que mais de 40% do comércio que atendia a população local, foram realocados e os demais seguem sendo desativadas” (OAB, 2022, p. 1) é aprofundada pela contínua falta de acesso aos serviços sociais básicos, como saúde, transporte, escolas nas proximidades, conforme visto ao longo deste documento. Essas ausências já haviam sido expostas no relatório anterior (OAB, 2022).

Pontuamos ainda que muitos moradores colocaram a placa de “vende-se” nas suas casas para acompanhar a desvalorização de seus imóveis. Destacamos que a estratégia de

mobilizar individualmente as pessoas a saírem da região é uma forma convencimento e de desmobilização coletiva pela Braskem que tem gerado mais conflitos internos na comunidade, uma vez que, há inúmeros relatos de que os inquilinos dos imóveis situados na região aceitam os 25 mil e deixam dívidas como contas de luz, água e aluguel como ônus para os moradores da região.

A população dos Flexais segue com a mesma demanda pela **realocação coletiva, indenização justa** (valor da casa em valor de mercado - que possa ser comprada casa melhor similar em bairros próximos) já evidenciada em OAB (2022) de que a população não quer a revitalização e sim a realocação dos moradores.

Os moradores demandam por indenização coletiva e justa reparação devido aos ilhamento social e aos 5 anos em que a população vive com os efeitos do desastre provocado pela Braskem.

Sobre a insegurança e aumento da violência na comunidade, em especial a violência de gênero:

Destacamos o aumento da sensação de insegurança e aumento substancial nos relatos de violência pelos assaltos ocorridos na região, em decorrência da circulação de informações que parte da população acessa os 25 mil reais, injetados pela Braskem para mobilizar individualmente as pessoas a saírem da região.

Ainda foi possível perceber que, devido ao isolamento do bairro pelas demolições, os atos de violência são sentidos mais fortemente nas jovens e nas mulheres da comunidade, que evitam andar sozinhas pela região com medo de violência sexual.

Sobre os impactos ambientais:

Quanto a sensação de insegurança apresentadas em todos os relatos e também evidenciados pelas rachaduras, presença de “minadouros de água” dentro das casas. Essas intercorrências são diretamente relacionadas pelos moradores ao afundamento do solo gerado pelo desastre da Braskem. Ainda que a empresa negue que o bairro está sob risco de afundamento, é preciso considerar a conclusão da **NOTA TÉCNICA Nº 4/2022/DIGEAP/DEGET/DHT/PR/CA** que afirma que:

“Os estudos apresentados demonstram necessidade de levantamentos topográficos com maior precisão, em relação ao

levantamento de interferometria. Não é mais possível afirmar categoricamente que não haja subsidência na região do Flexal, ainda que em taxas muito baixas que podem não possuir relação com as trincas e fissuras observadas. ” (BRASIL, 2022, p 22).

A passagem acima evidencia que ainda é preciso considerar o apelo popular que entende que a região está coletivamente impactada também pela instabilidade do solo, provocado pelo desastre da Braskem. De modo a buscar novos estudos técnicos e independentes na região.

Além da sensação de insegurança modificar a vida daquelas pessoas também foram constatados problemas ambientais relacionados ao aparecimento de mosquitos, ratos e animais selvagens como cobras e jacarés. Além disso, a lagoa é constantemente citada, a exemplo do relatório anterior “A lagoa está poluída, não existe mais sururu e peixe” (OAB, 2022, p.12).

Referências

ARDOHAIN, Thales. Marcas do Crime-Desastre: Conflitos Ambientais e Deslocamento in situ no Caso Braskem em Maceió/AL. Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em Ciências Sociais – Licenciatura Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2022.

OAB. RELATÓRIO DA INSPEÇÃO REALIZADA NOS DIAS 15 E 16 DE SETEMBRO DE 2022 NA COMUNIDADE DOS FLEXAIS E ADJACÊNCIAS, 2022.

BRASIL. NOTA TÉCNICA Nº 4/2022/DIGEAP/DEGET/DHT/PR/CA. Ministério de Minas e Energia, 2022.

FELDMAN, S.; GEISLER, C.; SILBERLING, L. Moving Targets: displacement, impoverishment and development. International Social Science Journal, v. 55, n. 175, p. 7-13, 2003.

POLLO, F. E. et al. Evaluation in situ of genotoxicity and stress in South American common toad *Rhinella arenarum* in environments related to fluorite mine. Environmental Science and Pollution Research, n. 24, p. 18179- 181872, 2017.

ARDOHAIN, Thales. Marcas do Crime-Desastre: Conflitos Ambientais e Deslocamento in situ no Caso Braskem em Maceió/AL. Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em Ciências Sociais – Licenciatura Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2022.